

## ASPECTOS DO PROCESSO DE PRODUÇÃO DE TEXTOS ESCRITOS

JOSÉ LUIZ MEURER  
UNIV. FED. DE SANTA CATARINA

### ABSTRACT

Texts are physical entities, the linguistic production of one or more individuals; discourses are "systematically-organized sets of statements which give expression to the meanings and values of institutions" (Kress 1989:7), e.g.: school, church, political parties, etc. It is within "the meanings and values of institutions" - and because of tensions created by different institutional values - that texts arise. As a consequence, texts are seen not only as the production of more individuals but also as the reflection and the actual products of discourses. In this paper, I discuss aspects of a model for the production of written texts.

Based on a psycho-sociolinguistic perspective and exempt from any prescriptive intentions, I concentrate on the formalization and description of the route hypothetically followed by writers when creating texts. The formalization and the description of the route include a set of recursive operations to account for the rewriting and polishing of written texts. The recursive operations include not only production-related processes but also text comprehension and summarization principles in an attempt to account for the writer as playing the dual role of producer and, at the same time, reader of his/her own text.

### 1. INTRODUÇÃO

A linguagem, como propõe Halliday (1978), pode ser vista como um fenômeno intra-orgânico ou como um fenômeno inter-orgânico. Sob a primeira perspectiva olha-se para a linguagem como um fenômeno psicológico: linguagem como conhecimento; sob o segundo, olha-se para a linguagem como forma de comportamento: linguagem como instrumento social. A primeira se relaciona a características psicofisiológicas e a segunda a interações do indivíduo com seu meio ambiente.

A escrita, como um meio de manifestação da linguagem, está necessariamente ligada a essas duas perspectivas. Por um lado, ao construir um texto, o escritor faz uso de diferentes tipos de conhecimento e, por outro, constrói textos para interagir com outros indivíduos dentro de determinados contextos sociais. Além disso, ao interagir

com outros indivíduos, o escritor faz também uso de conhecimentos sobre mecanismos de interação. Assim sendo, a escrita se constitui num fenômeno psicossociolingüístico.

O presente trabalho tem por objetivo apresentar aspectos de uma proposta de um modelo para a produção de textos escritos dentro de uma perspectiva psicossociolingüística. Em sua arquitetura global - que, neste artigo, pode ser coberta apenas parcialmente - o modelo consiste de dois grandes componentes: 1) uma formalização do roteiro seguido pelo escritor, incluindo um conjunto de operações recursivas que visam à recomposição e ao polimento do texto e 2) um conjunto de parâmetros que o escritor leva em consideração ao compor e recompor o seu texto até atingir um estado considerado - pelo próprio escritor - como satisfatório. Sem intenções prescritivas, o modelo pretende descrever um certo número de operações gerais (descrever todas as operações seria impossível) que permeiam o processo da produção de textos escritos (ver Meurer 1992).

Devido à limitação do espaço de que disponho para o presente trabalho, vou restringir-me à descrição do primeiro componente do modelo que estou desenvolvendo, isto é, do roteiro geral seguido pelo escritor durante a produção de seu texto.

Antes de apresentar este componente, será necessário lançar mão de alguns princípios gerais que permeiam a criação de textos. Os mais importantes estão ligados à noções de *texto* e *discurso*, sobre as quais me deterei a seguir. Gostaria de antecipar que o texto e o discurso em si, apesar de seu imbricamento e de sua importância dentro do modelo como um todo, não são objetos de análise neste trabalho.

### 1.1. Texto e Discurso

Para estabelecer a diferença entre texto e discurso, sigo a perspectiva de Kress (1989), que, por sua vez, se baseia em Foucault. Para que um leigo no assunto possa entender as noções de texto e discurso, ele precisa, primeiro, lembrar a seguinte observação (aparentemente óbvia): não vivemos como seres isolados. Ao contrário, cada indivíduo é um agente social inserido em uma rede de relações sociais que acontecem em lugares específicos em uma sociedade cultural (ver Kress 1989:5). Segundo, é preciso lembrar que cada sociedade é formada por um conjunto de instituições que, como diz Kress, tem "suas práticas, seus valores próprios, seus significados, suas demandas, suas proibições e sua permissões" (p.6). As práticas, os valores, os significados, as demandas, proibições e permissões dos diferentes grupos sociais exercem influência direta sobre os indivíduos que convivem dentro desses grupos. Terceiro, as práticas, os valores e os significados dos grupos são articulados através da linguagem.

Tendo como pano de fundo as observações que acabo de fazer, podemos definir discurso e texto da seguinte forma: o *discurso* é o conjunto de afirmações que, articuladas através da linguagem, expressam os valores e significados de um grupo social; o *texto* é a realização lingüística na qual se manifesta o discurso. Assim, o texto é uma entidade física, a produção lingüística de um ou mais indivíduos; o discurso é o

conjunto de princípios, valores e significados "por trás" do texto. Desta forma, o discurso organiza o texto e estabelece como o mesmo poderá ser, de quais tópicos, objetos ou processos poderá tratar e de que maneira (Kress 1989). Assim, por exemplo, serão muito diferentes os textos criados dentro do discurso da igreja, dos diferentes partidos políticos, da indústria, da ciência, da prostituição, ou da escola. Cada instituição tem seu discurso, uma determinada maneira de ver, definir e lidar com a "realidade". Isso se reflete nos textos, através dos quais nos comunicamos em nossas atividades sociais.

As línguas funcionam como um potencial de opções e possibilidades de expressão que formam a base a partir da qual os indivíduos criam os seus textos. Na verdade - e esta é uma afirmação muito importante - os indivíduos constroem textos a partir da internalização de outros textos já produzidos anteriormente. Tudo o que alguém escreve tem definitivamente um grau de *intertextualidade*, i.e., é influenciado por - e/ou depende de - textos que já existem (Beaugrande e Dressler 1981; Fairclough 1989). Desta forma, o potencial de opções e possibilidades oferecidos pela linguagem e, mais especificamente, pelos textos já existentes não pode ser usado livremente, pois sempre que alguém escreve, há uma expectativa de que o texto produzido espelhe as maneiras de falar ou escrever das diferentes instituições que regulam a comunidade onde o indivíduo está inserido. Há uma expectativa, portanto, de que todos os textos tenham formas, funções e conteúdos específicos. É esta expectativa que impõe ao escritor um conjunto de exigências de caráter psicossociolingüístico a ser obedecido durante o processo de composição. Um modelo de escrita deveria das conta de tais exigências. Note-se, entretanto, que é preciso, por outro lado, abrir espaço para as rupturas e quebras de paradigma (Kuhn), pois os discursos não são monolíticos. Ao invés, são dinâmicos e apresentam brechas (Leonor Scliar-Cabral, comunicação pessoal).

## 1.2. Modelos Processuais

Antes de apresentar a descrição do roteiro da produção de textos gostaria de abrir um último parêntese para justificar a minha proposta perante modelos processuais de escrita já existentes, como os de Flower e Hayes (1980) e Bereiter e Scardamalia (1987), por exemplo.

A razão mais importante para uma proposta de um novo modelo de produção de textos escritos se liga ao fato - apontado também por Swales (1990) - de que os modelos processuais (exemplificados pelos autores apontados no parágrafo acima) prescindem de uma dimensão social. Conforme afirma Bizzell (1982, apud Swales 1990:4), a escritura, particularmente a praticada por estudantes secundários em séries mais avançadas e estudantes universitários, "não deve ser vista unicamente como um processo cognitivo interno, orientado para o indivíduo, mas também como uma resposta às convenções discursivas que surgem a partir de modos preferidos de criar e comunicar conhecimentos dentro de determinadas comunidades." Como afirma Bazerman (1988),

não se poderia ver o que um texto está fazendo sem olhar para os mundos nos quais os textos desempenham uma atividade comunicativa.

Uma outra razão é que os modelos processuais, concentrando-se nos processos cognitivos da escritura, prescindem também da exploração de perspectivas discursivas, como superestruturas e macroestruturas textuais; relações oracionais; padrões de textualidade e características específicas de gêneros específicos. (Vários desses aspectos são desenvolvidos em Meurer 1992 e *em preparação*.)

Finalmente, em termos práticos, apesar de seu valor descritivo, esses modelos são complicados em alguns aspectos (vide Kato 1986:87) e difíceis de serem usados em situações práticas.

Apresento, a seguir, o roteiro hipoteticamente seguido pelo escritor durante o processo de composição do texto escrito.

## 2. ROTEIRO DA PRODUÇÃO DO TEXTO ESCRITO

O passo inicial para a produção de um texto está relacionado ao que, na Figura 1, chamo de FATOS/REALIDADE. Fatos/realidade significa qualquer aspecto do universo - exterior ou interno ao próprio indivíduo, real ou imaginário - sobre o qual alguém quer ou precisa se expressar. (Obviamente, alguém pode se expressar por escrito ou oralmente. Aqui, restrinjo-me, entretanto, à escrita.) Em geral, como afirma Kress (1989), a motivação para o texto se dá a partir de uma tensão resultante de diferentes percepções de determinados fatos ou de determinada realidade, que precisa ser resolvida, comentada, explicada, etc.

A tensão a ser resolvida pode surgir a partir de duas perspectivas gerais: a) do conflito entre discursos representativos de diferentes instituições, como, por exemplo, a igreja, a escola, o estado, o sexismo, etc., que, por sua vez, incentivam, proibem, permitem ou exigem que fatos/realidade sejam vistos sob determinados ângulos, de determinadas maneiras, como tendo determinados valores; b) de conflitos e desejos gerados dentro do próprio indivíduo, como resultado de sua história discursiva particular, influenciada pelos discursos das diferentes instituições dentro das quais convive. Kress usa o verbo *colonizar* para designar a intenção básica dos discursos: cada discurso tenta colonizar o outro, conseguir mais espaço para si próprio. O resultado é o surgimento de novos textos.

A partir do desejo ou necessidade de se expressar sobre determinados fatos/realidade, o escritor entra no estágio "A" do percurso da criação do texto (Fig. 1). Neste estágio, o escritor forma uma REPRESENTAÇÃO MENTAL do(s) aspecto(s) da realidade a que quer se referir. A representação mental - definindo-a de um modo extremamente simplificado - é a imagem dos fatos/realidade de que se forma em nossa mente antes de falarmos ou escrevermos. Não há como passar diretamente dos fatos à fala ou à escrita.

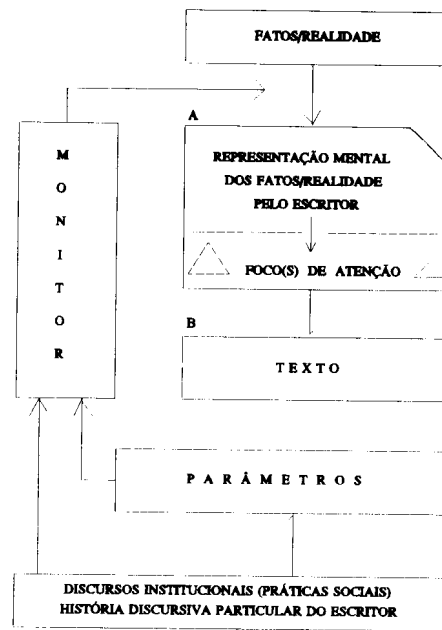


Figura 1: Roteiro inicial para produção de um texto escrito

Entre fatos/realidade e fala ou escrita há uma interface. Esta interface - o estágio "A", na Fig.1 - é caracterizada como um conjunto de processos mentais que selecionam e organizam determinados aspectos dos fatos/realidade antes de nos pronunciarmos ou escrevermos sobre eles. (Um modelo completo de produção escrita - se for possível criar um algum dia - deveria especificar como se dão tais processos).

Essa representação mental é, por sua vez, "controlada" por um MONITOR, i.e., um complexo aparato mental, com funcionamento em parte consciente e em parte automático, que planeja e executa o processo de escritura como um todo, permitindo - ou não - a criação de determinada representação mental, a seleção de focos de atenção e a transformação de tais representações em textualizações específicas. Dependendo do grau de sofisticação do escritor, o monitor mantém-se ativo durante *todas* as etapas do percurso de produção de um texto, sendo responsável pela geração de idéias, planejamento, organização, execução e editoração do texto. (Há algumas semelhanças aqui com a proposta de Hayes e Flower 1980). No presente modelo, o monitor é visto como sendo alimentado por um conjunto de PARÂMETROS lingüísticos e não-lingüísticos, pelos DISCURSOS INSTITUCIONAIS - que funcionam com uma base, um apoio - e pela HISTÓRIA DISCURSIVA PARTICULAR DE CADA ESCRITOR (Fig. 1.). Alguns dos parâmetros que alimentam o monitor (ver Meurer 1992) são os seguintes:

- objetivo do texto,
- a consciência da identidade de sua audiência (leitor ideal e leitor real),
- a questão da tipologia de textos: o conceito de gênero ("genre") e suas implicações
- o Contrato de Cooperação (Grice 1975) e suas quatro máximas: quantidade, qualidade, relevância e modo, bem como a idéia de implicatura.
- organização retórica: relações oracionais e organização textual,
- consciência do que implica o ato de ler (e a audiência específica),  
em relação à realidade representada
- Coerência { em relação à arquitetura do texto em si  
em relação ao leitor.

Não entro aqui no funcionamento do monitor. Não abordo, tão pouco, a questão filosófica sobre a natureza da representação mental. Independentemente de qual seja na verdade o papel do monitor, parece claro, entretanto, como já proposto por E. Kant (citado em Lavine 1984:193-198), que a representação mental que formamos a partir de fatos/realidade constitui-se mesmo numa criação e, portanto, **não** é a própria realidade. Parece claro, também, que realidade ou fatos idênticos no mundo real ou imaginário podem ser vistos de maneiras antagônicas dentro dos discursos de diferentes instituições ou de diferentes indivíduos. (Repetindo a canção popular: "*o que dá pra rir, dá pra chorar*").

A partir da representação mental de uma determinada realidade, (estágio "A"), o escritor seleciona um enfoque, um ponto de concentração (Fig. 1), a partir do qual passa para o estágio "B". Aqui ele tenta concretizar sua mentalização através de uma representação lingüística. Começa a surgir, então, o TEXTO escrito.

Cinco observações importantes se fazem necessárias antes de continuarmos a apresentação do roteiro da produção de textos. Primeiramente, os estágios "A" e "B" não se dão em total separação ou em momentos totalmente diferentes. Há uma integração e um imbrincamento constante entre os dois estágios. Para representar esta ligação e interdependência entre dois momentos, a Figura 1 é acrescida, no estágio "B", de uma flecha recursiva indicando a possibilidade de retorno em direção ao estágio "A" (Fig.2). O processo todo, portanto, é **interativo**: um estágio alimenta o outro, recursivamente.

Em segundo lugar, o momento "A" é representado por duas subpartes *diretamente* integradas porque parece intuitivamente correto que, como escritores, oscilamos entre uma representação mental mais global e focos de atenção (Fig.2) sobre o que pretendemos escrever. Também, porque parece intuitivamente correto afirmar que o texto vai surgindo a partir da realização lingüística de focos de atenção específicos, mas que "por trás" de cada ponto focal pode haver, e geralmente há, uma imagem mental mais abrangente, dentro da qual o ponto focal se encaixa ou contextualiza.

Em terceiro lugar, o texto surge por partes, a partir dos focos de atenção. À medida que redige, o escritor poderá fazer diversos "retornos", ciclicamente, seguindo

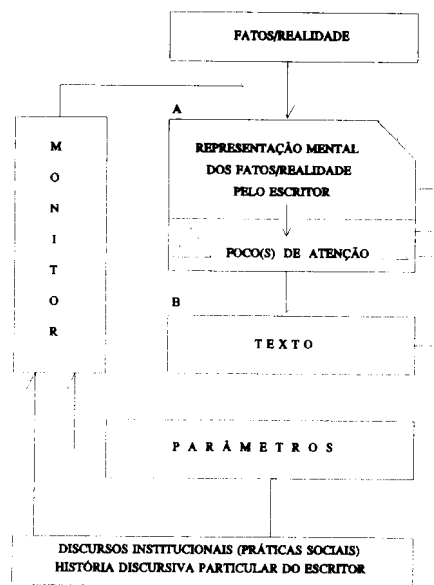


Figura 2: Roteiro inicial para produção de um texto escrito

as flechas conforme a representação na Figura 2, sendo que o texto produzido até um determinado momento poderá funcionar como uma heurística, um processo de descoberta, um catalisador de esclarecimentos e/ou alterações da representação mental da realidade formada pelo escritor até aquele ponto (ver Bruce et alii, apud Kato 1986:89). Esse processo poderá conservar, aprofundar ou mudar o foco de atenção, levando tanto à continuação/conclusão como a mudanças no texto produzido até então. O texto, por sua vez, poderá - deveria, normalmente - levar a algum tipo de efeito, ou mudança, dentro do contexto da prática social de quem o produz. Represento este último ponto através da flecha que une o TEXTO aos DISCURSOS INSTITUCIONAIS E PRÁTICAS SOCIAIS (Fig.3).

Em quarto lugar, supondo-se o escritor tenha decidido produzir um texto, vários inibidores podem atuar, em conjunto ou separadamente, dificultando ou impossibilitando a produção do mesmo. Vejamos alguns: pode faltar ao escritor uma representação mental clara dos fatos/realidade sobre os quais deseja tratar (talvez um problema de conhecimento, talvez de estratégia). Pode faltar ao escritor habilidade de "determinar" pontos de focalização e/ou como estes se relacionam. Pode faltar ao escritor a habilidade de planejar, interligando os vários pontos de focalização antes de iniciar texto e durante o processo de textualização. Ou ainda, entre outros problemas, pode faltar-lhe a habilidade de subordinar todo o processo de produção, entre outras coisas, ao objetivo do texto e à audiência a que se destina. (Todos estes problemas,

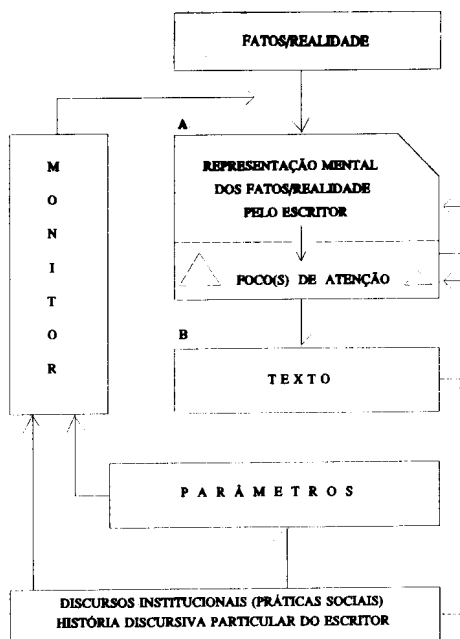


Figura 3: Roteiro inicial para produção de um texto

naturalmente têm implicações importantes para as práticas escolares relativas à produção textual.)

Em quinto lugar, a realização lingüística - o texto - não reflete necessariamente a representação da realidade criada no estágio "A" e (possivelmente) alterada durante o processo representado através das flechas, nas Figuras 2 e 3. Assim sendo, existe sempre um potencial de erro para o escritor, (o mesmo acontecendo para o falante), i.e., uma possibilidade de expressar-se de uma forma insatisfatória, infeliz, que *não era o que ele queria*, ou que leve a interpretações não desejadas. Isso justifica, por exemplo, a correção de alguém que retruca ao seu ouvinte/leitor: "*Você não entendeu*" ou "*Não foi isso que eu disse!*".

Passando pelos estágios representados nas Figuras anteriores, o escritor produz trechos do seu texto até completar (finalmente) uma primeira versão. Em muitas situações escolares, parece haver uma tendência para terminar neste estágio o trabalho de "redação". Na verdade, entretanto, para a maioria dos escritores, o trabalho de composição, neste ponto, terá apenas começado que operações são utilizadas pelo escritor para dar acabamento ao seu texto? Esta pergunta pode ter duas respostas. A primeira é que o monitor poderá assinalar ao escritor que ele precisa enriquecer a etapa "A", isto é, sua representação mental dos fatos/realidade sobre os quais deseja tratar. Compete a ele, neste caso, procurar subsídios através de, por exemplo, leitura, debate,



levantamento de fatos, conceitos, objetivos ou meios para atingir objetivos. Não se pode esquecer que, sem ter o que dizer, processo, roteiro ou técnica alguma poderá auxiliar o escritor. A segunda resposta nos leva ao segundo aspecto do roteiro para a produção do texto escrito: ao que chamei na introdução de "um conjunto de operações recursivas que visam à recomposição e ao polimento do texto".

## 2.1 Operações para a Recomposição e o Polimento do Texto

A característica mais importante deste estágio é que o escritor passa a funcionar como *leitor* de seu próprio texto. Por isso, a figura apresentada anteriormente é acrescida agora das etapas "C", "D" e "E" (Fig.4). Em conjunto, essas três etapas representam o processo de leitura, incluindo a construção de um resumo escrito ou um esquema ('outline') para o texto lido. Como se dá o processo de leitura? Existe um número significativo de propostas teóricas que tentam explicá-lo. O modelo de compreensão de textos escritos de Kintsch e van Dijk (1978), reelaborado em van Dijk e Kintsch (1983), é um dos mais reconhecidos entre pesquisadores em leitura. No presente trabalho, adoto os princípios gerais do modelo desses autores para tentar dar conta dos processos pelos quais o escritor passa a desempenhar a função de *leitor de seu próprio texto*.

Segundo van Dijk e Kintsch, resumidamente, à medida que o leitor interage com o texto, ele vai criando uma representação mental do mesmo (etapa "C" na Fig.4). Esta representação é constituída de dois componentes: a) um *representação das proposições* que o leitor processa à medida que lê e b) uma *representação da situação* dentro da qual o leitor encapsula a representação que vai formando das proposições processadas. A partir da representação das proposições do texto - que ocorre sempre dentro da representação de uma situação, dentro da qual o leitor atribui sentido às proposições - e com base em seu conhecimento da superestrutura típica do texto, o leitor vai construindo uma representação das idéias que julga serem as principais, uma macroestrutura (etapa "D", Fig.4). E, partindo da macroestrutura, finalmente, o leitor pode produzir um resumo, uma evocação, ou um esquema ("outline") do texto (etapa "E" na mesma Fig.4). Sem dúvida, o monitor tem um papel fundamental neste processo. (Entretanto, por limitações de tempo e pelo cuidado que a complexidade do assunto exige, a especificação deste papel terá que aguardar um trabalho posterior.)

O modelo de Kintsch e van Dijk explora as relações entre e dentro de cada uma dessas etapas numa tentativa de explicar os processos mentais subjacentes ao processo total da compreensão de textos e produção de resumos. Importantes no modelo desses autores e com implicações relevantes para um modelo de produção de textos são as noções de micro, macro e superestrutura; as noções de que a memória de curta duração é limitada; de que o processamento do texto se dá em ciclos e de que certos mecanismos mentais (como a utilização de macro-regras) são utilizados pelo leitor para ir da microestrutura, tendo como um dos parâmetros a superestrutura do texto. Por razões que não podem ser elaboradas no presente trabalho - entre elas a afirmação óbvia, mas freqüentemente esquecida nas escolas, de que um escritor na maioria das vezes escreve para leitores reais - julgo imprescindível que um modelo de escrita inclua aspectos de um modelo de leitura.

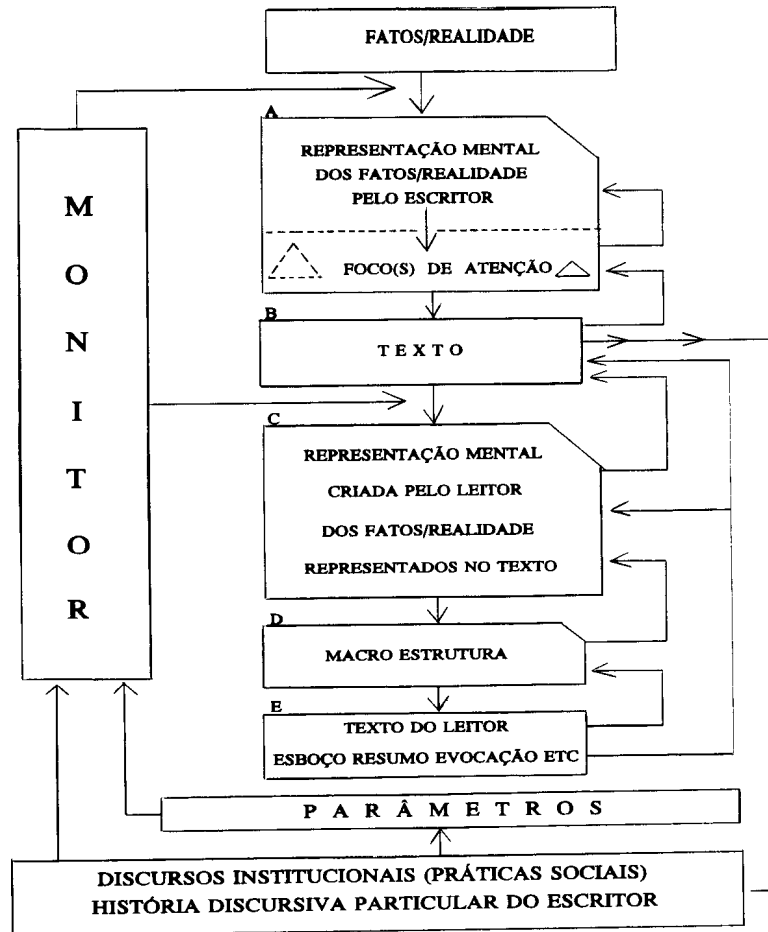


Figura 4: Roteiro geral para produção e polimento de um texto

## 2.2. Percurso Geral

Voltando à Figura 4, podemos descrever o percurso de criação, de recomposição e polimento de um texto da seguinte forma: após ter produzido uma primeira versão do texto que pretende escrever (etapas "A" e "B"), o escritor assume a função específica de leitor do seu próprio texto. Aqui o escritor não lê *simplesmente* o seu texto: ele lê tentando trazer para o ato da leitura um aparato mental e um monitoramento enriquecido pela consciência de parâmetros baseados numa visão psicossociolingüística da *escrita*, como os listados anteriormente.

Com esse aparato mental, numa simbiose total entre processos de escrita e leitura, o escritor examina seu texto, passando pela etapas "C", "D" e "E" (Fig.4). Esta

verificação, em princípio, é feita da seguinte forma: Em "C"/"D" ele analisa a forma, função e conteúdo do que escreveu. Em seguida, ele pode ir para "E" e criar para o seu texto um esquema ("outline"), que pode ser por escrito ou apenas mental (representado por "etc", na Fig.4). À medida que faz isso, o escritor pode verificar se "B" (o texto) coincide com a representação que ele criara em "A"; se "B" realmente leva à reconstrução dos fatos/realidade dos quais o escritor quer tratar e se "B" está adequado em relação aos PARÂMETROS lingüísticos e não lingüísticos responsáveis pela constituição de um texto. De posse dessas informações, o escritor pode voltar à etapa "B" para reescrever o texto. Após ter reelaborado o texto, o escritor pode tornar a reciclar as etapas "C", "D" e "E" (como leitor) e "B" e "A" (como recompositor) quantas vezes o seu monitor lhe indicar, até que "B" atinja um estado satisfatório. Note-se que, em situações de vida real, quando escritores proficientes produzem trabalhos mais complexos, geralmente recompõem esses trabalhos com auxílio de revisão por parte de *outros* leitores. (A prática de revisão por outros leitores, infelizmente, não é incentivada em nossas escolas.)

É importante reafirmar que, embora na apresentação do modelo eu me refira a "etapas" ou "estágios", o processo global da produção de um texto - como já indicado e representado pelas flechas bidirecionais nas Figuras 2, 3 e 4 - é integrado. Os vários estágios se projetam e se alimentam não só prospectivamente no sentido de que um estágio sempre leva ao outro, mas também retrospectivamente, isto é, em cada estágio pode haver "recursão" ao(s) estágio(s) anterior(es). Além disso o modelo permite que, em qualquer ponto do processo de produção, o escritor assuma o papel de leitor de seu próprio texto e excursione, guiado pelo monitor, por todos os estágios representados na Figura 4.

Para concluir a descrição da possível rota de produção de textos, é muito apropriada a metáfora criada por Flower e Hayes (1980) onde o escritor é visto como um operador de um sofisticado painel eletrônico que, dentro de suas limitações humanas, enfrenta e gerencia um grande número de demandas e pressões simultâneas que competem por sua atenção.

Para poder executar a contento as etapas que acabamos de ver, principalmente "B", "C" e "D", o escritor, face a face à sua história discursiva pessoal, é pressionado por discursos diversos e por um conjunto complexo de parâmetros lingüísticos e não lingüísticos, como os já mencionados. Um modelo de produção de textos precisa dar conta desses parâmetros, pois é somente através de seu uso que o escritor pode efetivamente excursionar pelas etapas acima e criar textos.

Assim sendo, o roteiro, os processos e os princípios descritos no presente artigo representam apenas uma parte - e na maioria dos seus módulos ainda extremamente simplificada - de um modelo de produção de textos escritos. (Ver, por exemplo, Schliar-Cabral 1991, pp.142-143, como ilustração da complexidade do esboço de um modelo mais completo). É necessário, portanto, que o presente trabalho seja visto como parte integrante de um trabalho mais amplo (que continuo em outros textos (Meurer 1992, e em preparação)). Desta forma, configura-se, na prática, uma das

afirmações que fiz no início deste trabalho: Tudo o que alguém escreve tem definitivamente um grau de *intertextualidade*, i.e., é influenciado por - e/ou depende da internalização de - textos que já existem.

### **Agradecimentos:**

Agradeço a Dra. Leonor Scliar-Cabral e Viviane Heberle pela leitura, comentários e discussão pessoal deste trabalho.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- BAZERMAN, Charles. 1988. **Shaping written knowledge**. Madison, Wisconsin: The University of Wisconsin Press.
- BEREITER, C. e SCARDAMALIA, M. 1987. **The psychology of written de Beaugrande, Robert e Dressler, Wolfgang**. 1981. **Introduction to text linguistics**. Londres: Longman.
- FAIRCLOUGH, Norman. 1989. **Language and power**. Londres: longman.
- FLOWER, Linda S. e HAYES, John. R. 1980. The dynamics of composing: Making plans and juggling constraints. In **Cognitive processes in writing**, ed. por L.W. Gregg e E.R.Steinberg. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- GRICE, P. 1975. Logic and conversation. **Syntax and semantics 3: Speech acts**, ed. por P. Cole and J.L. Morgan. New York: Academic Press.
- HALLIDAY, M.A.K. 1978. **Language as social semiotic**. London: Edward Arnold.
- KATO, Mary. A. 1986. **No mundo da escrita. Uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Ática
- KINTSCH, Walter. e VAN DIJK, Teun A. 1978. Toward a model of text comprehension and production. **Psychological Review** 5.363-94.
- KRESS, G. 1989. **Linguistic processes in sociocultural practice**. Oxford Univ. Press.
- KUHN, Thomas S. 1970. **The structure of scientific revolutions (2a ed.)**. Chicago: University of Chicago Press.
- MEURER, José Luiz (org.). (Em preparação). **Produção e compreensão de textos escritos: relações oracionais**.
- \_\_\_\_\_. 1992. **Produção de textos escritos: Proposta de um modelo**. Mimeo. Florianópolis: LLE/UFSC.
- SCLIAR-CABRAL, Leonor. 1991. **Introdução à psicolinguística**. São Paulo: Ática.
- SWALES, John. 1990. **Genre analysis**: Cambridge University Press.
- VAN DIJK, Teun. A. and KINTSCH, Walter. 1983. **Strategies in discourse comprehension**. New York: Academic Press.